

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

DAPHNE FERREIRA DA SILVA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

A Internet nos deixa estúpidos

Entrevista com Mark Bauerlein. Para o americano Mark Bauerlein, é preciso tirar os jovens da rede para que passem mais tempo com os pais - e, assim, fiquem mais inteligentes.
(por Eduardo Szklarz)

*Será que a era digital faz bem aos nossos neurônios? Para o professor americano Mark Bauerlein, a resposta é não: se você tiver menos de 30 anos, considere-se membro da geração mais estúpida da história. É desse jeito, sem meias palavras e com altas doses de provocação, que ele descreve os estragos gerados pela era digital, em seu livro *The Dumbest Generation* (“A Geração Mais Burra”, inédito no Brasil). Bauerlein diz que os jovens andam tão distraídos com celulares, MSN e facebook que deixam de prestar atenção em assuntos importantes, como história e política. Encerrados em seu casulo tecnológico, onde só falam com pessoas da mesma idade, os jovens estão vivendo como Peter Pan – numa eterna adolescência alienada dos conhecimentos mais elementares. Professor de inglês da Universidade Emory, nos EUA, Bauerlein analisa essa transformação citando dados: em 2001, 52% dos teens americanos não sabiam que a União Soviética foi aliada dos EUA na 2ª Guerra Mundial. Ou: os jovens de 15 a 24 anos leem só 8 minutos por dia, mas passam quase 4 horas vendo TV. “Nenhum grupo na história abriu tamanha fissura entre suas condições materiais e suas realizações intelectuais”, diz.*

Como a internet piora a inteligência dos jovens?

Eu me refiro principalmente a 4 elementos: curiosidade intelectual, conhecimento histórico, consciência cívica e hábitos de leitura. Os jovens têm lido cada vez menos nos EUA. E estou dizendo livros, jornais e revistas, que ainda são o principal e o mais importante acesso ao conhecimento.

Mas a web não pode ser útil para o conhecimento?

Poderia, mas os garotos não se importam com essas coisas. Eles não visitam um site

de um grande museu para ver as pinturas. Preferem visitar seu perfil pessoal na internet ou fazer upload das fotos da última festa, ou escrever em seu blog como odeiam a escola. Segundo o instituto Nielsen Media Research, 9 entre os 10 sites mais populares entre os adolescentes são redes de relacionamento. É isso que as ferramentas significam para eles: um meio social.

Como a internet está mudando nossa sociedade?

Para ser saudável, qualquer sociedade precisa ter uma forte interação entre jovens e adultos. Uma relação em que os adultos possam criticar os garotos por serem ignorantes, inexperientes e egoístas. Quando eu era adolescente, ia à escola, jogava basquete com meus amigos, evitava meus inimigos e, ao voltar para casa, a vida social terminava. Durante o resto do dia, eu tinha de estar junto dos meus pais e escutá-los conversar sobre dinheiro, responsabilidades da casa, a Guerra do Vietnã... Hoje, um garoto de 15 anos vai para casa e se fecha no quarto para falar pelo celular, entrar no blog e mandar mensagens de texto. Os adolescentes estão formando seu próprio universo, longe da realidade adulta.

Essa falta de convivência é falha dos pais?

Pais e professores deram muita liberdade e responsabilidade aos jovens. Muitos pais gostam de internet, TV e videogames porque eles servem de babás. Por isso, os adolescentes só se preocupam com eles mesmos. Se os pais não forem ativos e vigilantes, os garotos vão basear toda a sua realidade – suas idéias, valores e gostos – uns nos outros.

E qual seria a solução? Proibir a internet?

De forma nenhuma. O problema não é a tecnologia, e sim como a pessoa a utiliza. O desafio é quebrar o domínio de redes de relacionamento.

É possível tirar os jovens da internet?

É possível estabelecer um momento em que eles desliguem o celular, apaguem o computador e leiam um jornal, uma revista ou um livro. Nessa “hora da leitura”, os meninos podem ler o que quiserem. Não têm que ler Jorge Luis Borges ou Moby Dick. O importante é

que possam ficar sentados, sem interrupção, e focar-se no texto. Depois disso, podem voltar a jogar videogame! A idéia é colocar um muro entre eles e os amigos durante uma pequena parte do dia.

Acha que isso vai dar certo?

Já vem dando certo com alunos meus. Quando lhes digo que precisam passar um tempo desplugados, ou não fazer o dever com a TV ligada, vejo que eles relaxam. Acho que muitos jovens já estão cheios de tantas conexões, celulares e e-mails. Realmente gostariam de dar um tempo. Mas pense no que aconteceria. Imagine que você está na faculdade e não tem facebook. Você está fora! A pressão é enorme. É como se tivesse 5 anos e ninguém quisesse brincar com você.

O filósofo David Weinberger diz que a internet incentiva o conhecimento compartilhado. Concorda?

Essa idéia de conhecimento como um processo coletivo é interessante, mas ainda existem muitas incertezas sobre ela. Por exemplo, no caso do conhecimento histórico. Muitos se perguntam qual o sentido de saber sobre dom Pedro 2º quando dá para procurá-lo na Wikipédia. Mas a questão é: estudamos dom Pedro 2º só para saber quando ele nasceu, as coisas que ele fez e o ano em que morreu? Ou estudamos figuras históricas como essa para desenvolver idéias sobre caráter, honra, inteligência e moral?

Como assim?

As informações devem remeter a algo mais profundo, que faça você pensar sobre quem é ou nas coisas em que acredita. Quem são os seus heróis? E os seus vilões? Portanto, as pessoas que defendem a idéia de conhecimento coletivo talvez não entendam o quanto é importante essa formação individual.

Weinberger também diz que mais importante do que o conhecimento é a compreensão dos fatos...

Sim, concordo, mas a compreensão é um processo bastante lento. E a internet agita tanto os garotos que muitos professores nos EUA já acham difícil mandar os alunos ler um livro com mais de 200 páginas. Os adolescentes não conseguem se concentrar por muito tempo. Um argumento complexo ou um poema difícil viraram coisas irritantes para ser assimiladas.

Na Antiguidade grega, as velhas gerações já criticavam o comportamento das mais novas. Há algo de novo nessa história?

É realmente uma história velha, mas acho que precisa ser repetida. Os adolescentes nunca cresceram com tanto dinheiro nem com tanto acesso a livrarias, museus, faculdades e entretenimento. Muitos deles pensam: “Nós somos os maiores!” Precisamos botar um freio nisso e mostrar que eles não são tão especiais, tão diferentes nem tão brilhantes assim. É natural que pensem dessa forma, faz parte da natureza humana – e a internet inclusive cultiva essa atitude.

*Mark Bauerlein Tem 49 anos e vive com a família em Atlanta, EUA. Gosta de romances policiais de Raymond Chandler, John MacDonald e Jim Thompson. Para leitura “séria”, prefere Dostoiévski e Dante. Tem ficado mais tempo na internet do que gostaria, respondendo a e-mails de pessoas revoltadas com seu livro *The Dumbest Generation*. Mas ele leva o debate com humor. “Isso mostra que os jovens se importam”, diz. Está voltando a praticar artes marciais, depois de machucar o joelho treinando chutes de caratê.*

(<http://super.abril.com.br/superarquivo/?edn=256ed&yr=2008a&mt=setembrom&ys=2008>).

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Toda entrevista é sempre uma forma de informar dialogando. Observando o texto da entrevista é possível perceber que há aqui um arco comunicativo, um texto dialogal. Aponte

quem participa desse processo e de que forma você pode distinguir a “fala” de um e de outro dos interlocutores.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

A questão intenta levar o aluno a perceber que todo processo comunicativo é marcado pelo dialógico e, embora a função de uma entrevista seja a de informar, o processo modalizador ocorre, mesmo em um gênero narrativo como este, em que teoricamente o uso da língua é impessoal. A resposta do aluno deve demonstrar esse domínio, o de perceber quem constrói o ato comunicativo interlocutório, no caso específico, o repórter Eduardo Szklarz e o professor americano Mark Baverlein; a distinção dos interlocutores se dá na medida que o repórter tem, marcando sua “fala”, o texto em negrito, diferenciando-o graficamente, inclusive, da “fala” do professor nessa entrevista – e o aluno deve ser capaz de identificar esse “protocolo” próprio da entrevista.

TEXTO GERADOR II

UMA APOSTA DIFÍCIL

A juventude está cada vez menos atendida, apesar de mais conectada.

“Hoje vivemos um paradoxo absoluto: somos uma juventude profundamente atendida com as novidades tecnológicas mas, simultaneamente, trazemos a marca da falta de informação, de conhecimento, de saber que nos impulse a novos padrões de vida e de consumo” (Reportagem de João Lucas Souza, 2ª série do Ensino Médio – Jornal Escolar, da EE Santa Rita – maio 2011).

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

Observe o assunto da entrevista e o da introdução à reportagem do aluno. Que diferenças você pode destacar entre essas duas maneiras de trabalhar a mesma “*informação*”, a carência de conhecimento sistemático perceptível entre os jovens?

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

O professor deve levar o aluno a perceber diferenças objetivas como o fato de que, na reportagem, há um trabalho mais apurado e o diálogo se estabelece com o leitor – que não tem seu espaço delimitado de forma diferenciada, como no ato interlocutório da entrevista – mas é uma presença sem a qual a reportagem não se cumpre. Há, ainda, na reportagem, o processo da reescritura, com a retirada de marcas da oralidade, por exemplo. A entrevista tem o caráter dialógico mais demarcado, mas a reportagem pode usar o recurso do discurso direto para o trabalho com a notícia. O professor pode estar atento ao fato de que o aluno deve perceber as diferenças, inclusive as de intencionalidade e construção de modos de pessoalizar o texto – como, na reportagem, o uso da 1ª pessoa do plural, “*nós*”, “*Hoje, vivemos, um paradoxo...*”; “*somos uma juventude...*”, demonstrando aspecto intencional e inclusivo do autor.

QUESTÃO 3

Observando a entrevista – TEXTO GERADOR 1 – percebe-se que ela tem uma linguagem bem próxima da que se imagina seja a linguagem do seu público. Especifique a que público se dirige um texto como esse e de que forma você o percebeu.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

A entrevista se estrutura em torno de perguntas e respostas, mas há um terceiro interlocutor, que é o público, o leitor, o espectador, o receptor do texto. Personagem fundamental, já que determina inclusive o tipo de linguagem que se vai usar na entrevista – e o professor deve levar o aluno a compreender que o multilinguismo aí presente também inclui o público consumidor desse texto. Portanto, a linguagem deve ser adequada a esse público, sob risco de o ato de interlocução não se realizar na vertente com o leitor. O aluno deve ser capaz de identificar o receptor: o público jovem, que tem o tipo de comportamento exposto na entrevista – e isso fica claro em passagens como aquela em que o entrevistado menciona hábitos típicos da geração de hoje.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Observe, na entrevista, a pergunta de número 7 (“*Como assim?*”) e o seu contexto. Veja que o repórter pede uma explicação melhor para o pensamento que o entrevistado desenvolve. Que tipo de função de linguagem se resolve assim, explicando-se?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

O professor pode levar o aluno a construir a compreensão de que nos comunicamos interagindo, construindo sentidos e propondo contextos – portanto, quando o repórter insere essa “*fala*”, o que ele está fazendo é buscando a representação mais aproximada do

pensamento exposto pelo interlocutor, que a “*traduz*”- explicitando aí a função de metalinguagem.

QUESTÃO 5

Uma entrevista, como a de nosso texto gerador 1, ou uma reportagem, como o trecho do texto gerador 2 têm, como objetivo, noticiar algo – estão no âmbito do jornalístico, um “terreno” em que é necessário ser objetivo, claro. Em relação ao uso dos verbos, por exemplo, você nota:

- a) Que eles estão na maioria das vezes flexionados em que pessoa?
- b) Que relação você, então, estabeleceria entre impessoalidade e essa opção de uso em textos de cunho informativo?

Habilidade trabalhada

Reconhecer os efeitos de sentido gerados pela escolha de sujeito como agente ou paciente.

Resposta comentada

Nessa questão, a pretensão é fazer com que o aluno intua que as escolhas vocabulares, num ato de interlocução, não são gratuitas, mas carregam aspectos semióticos que são pistas referenciais sobre o que falamos e o como falamos. Mesmo quando o tipo de texto com o qual interagimos é claramente impessoal, as escolhas e a forma com que “*arrumamos*” os textos refletem algum valor pessoal. A resposta esperada deve contemplar o reconhecimento da terceira pessoa em que a maioria dos verbos está flexionada e a relação é que o texto é jornalístico e, portanto, essa forma se adequa melhor a essa intenção.

QUESTÃO 6

Observe o trecho abaixo, retirado da entrevista (texto gerador 1):

O filósofo David Weinberger diz que a internet incentiva o conhecimento compartilhado. Concorda?

A pergunta que o entrevistador faz está testando se o que ele disse foi perfeitamente compreendido pelo entrevistado. Que função de linguagem responde por isso?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

Essa questão pode abrir perspectivas interessantes para um debate em que o professor pode intermediar o exercício de reflexão do aluno, que deve identificar a função que testa o canal de comunicação, a via por onde estão os interlocutores trocando informações, dialogando. O aluno deve reconhecer a função fática, e o “*concorda?*” é aí posto para o teste do canal.